

ENTREVISTA A FRIEDRICH KROTZ

A mediação como metaproceto

Uma perspectiva histórico-processual

La mediatización como metaproceto

Una perspectiva histórico-procesual

Mediatization as Metaproceto

A Historical-process Perspective

DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4459>

► POR MARIO CARLÓN

mariocarlon895@gmail.com - Cidade Autónoma de Buenos Aires - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediação e Processos Sociais, Brasil. / Instituto Gino Germani, Universidad de Buenos Aires, Argentina.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5303-1308>

► POR JAIRO FERREIRA

jairoferrei@gmail.com - Santa Maria - Salvador - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediação e Processos Sociais, Brasil. / Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. / Universidade Federal da Bahia, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0197-5412>

► POR GUILLERMO OLIVERA

golivera1000@aol.com - Amsterdam - Seminário (REDE) Internacional de Pesquisa em Mediação e Processos Sociais, Brasil. / University of Amsterdam, Países Baixos.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3293-4269>

COMO CITAR: Carlón, M., Ferreira, J. & Olivera, G. (2026). Entrevista a Friedrich Krotz. A mediação como metaproceto. Uma perspectiva histórico-processual. *In Mediaciones de la Comunicación*, 21(1). <https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4459>

Friedrich Krotz é uma das figuras mais destacadas no campo dos estudos sobre mediação no norte da Europa e pioneiro dessa perspectiva na Alemanha, tendo introduzido, pela primeira vez, em 1995, esse conceito e a forma de conceber a investigação no campo da comunicação nesse país. Após uma longa carreira em várias universidades alemãs e suíças, além de importantes estadias de investigação em outras universidades do mundo, Krotz é atualmente Professor Emérito de Comunicação e Mídia na Universität Bremen (Alemanha). Em diálogo com *InMediaciones de la Comunicación*, ele reflete sobre a sua trajetória acadêmica, os seus pressupostos ou pontos de partida epistêmicos, a sua perspectiva fortemente histórica, o caráter processual da sua abordagem e a sua contribuição original ao campo: a mediação como “metaprocessos” (histórico), homólogo a outros “metaprocessos transculturais de longo prazo” estudados pelas ciências sociais, tais como a globalização, a individualização, a modernização, a alfabetização ou a industrialização. A sua ênfase na construção de uma “metateoria” não deve ser entendida como apontando para processos abstratos, mas sim para a multidimensionalidade e diversidade dos contextos em que operam os processos sempre concretos de mediação, afetando tudo (por exemplo, o político, o económico, o cultural e, ao mesmo tempo, múltiplos níveis de análise, como o micro, o meso e o macro). Assim, a mediação como abordagem ou visão holística sobre fenômenos e processos concretos reflete sua concepção da teoria como uma construção não axiomática, mas indissociável da práxis e das experiências concretas das pessoas nos mundos sociais em que vivem. Neste ponto, Krotz inspira-se na importante influência dos estudos culturais britânicos e na sua dimensão de intervenção cultural e política sobre a realidade social. Assim, Krotz sempre defendeu o papel da sociedade civil e das suas instituições democráticas, na medida em que estas oferecem potenciais reguladores democratizantes (em todas as esferas da vida -Lebensbereiche- e mundos sociais -Sozialwelten-, acima da hegemonia, seja do Estado ou dos interesses económicos dominantes (como forças que ameaçam as democracias).

Como corolário da entrevista, Krotz apresenta a sua tese sobre a determinação atual (em última instância) da economia por meio de uma “nova divisão do trabalho intelectual” entre humanos e computadores (condições impostas tanto pelo capitalismo de mercado em quase todo o mundo quanto pelo capitalismo de Estado na China). Essa determinação da economia dentro de uma história como a da mediação, marcada pela indeterminação (ou não linearidade) e pelo longo prazo, torna-se assim uma característica que, sendo específica da nossa contemporaneidade, é também histórico-contingente, deixando claro que tal determinação económica não é uma característica necessária dos processos de mediação nem da digitalização. Nesse sentido, Krotz apela à sociedade civil e às suas instituições democráticas para que assumam o controle, em vez da economia, sobre o futuro desenvolvimento da digitalização, e para

que esta nova divisão do trabalho intelectual seja para o bem comum e o benefício de todos, e não uma função instrumental orientada para a maximização dos lucros, sejam eles empresariais ou estatais.

MARIO CARLÓN (M.C.), JAIRO FERREIRA (J.F.) & GUILLERMO OLIVERA (G.O.): Como você demonstrou no início de sua tese de qualificação universitária intitulada “Die Mediatisierung kommunikativen Handelns. Der Wandel von Alltag und sozialen Beziehungen, Kultur und Gesellschaft durch die Medien” (“A mediação da ação comunicativa. A transformação da vida cotidiana e das relações sociais, da cultura e da sociedade pelos meios de comunicação”, finalizada em 1999 e publicada em 2001), você começou a desenvolver a perspectiva de mediação em meados da década dos 90 e no início dos anos 2000. Ademais, no ano 1995, você foi um pioneiro na Alemanha, Escandinávia e nos contextos de língua inglesa, porque seus primeiros trabalhos publicados em idioma inglês são de 2004 (Schulz), 2008 (Livingstone) e 2009 (Lundby). Poderia dizer-nos como chegou a este conceito nos mediados de 1990, considerando que você se formou primeiro em matemática e depois em sociologia e um contexto de compromisso político muito forte, mesmo como professor e como pesquisador? Em que medida todo esse compromisso político e científico essencial, desde tão cedo na sua vida, o ajudou a desenvolver sua própria perspectiva sobre a mediação nas décadas de 1990 e 2000? Que preocupações e interesses políticos, científicos e pessoais encontraram um catalisador nos processos de mediação?

FRIEDRICH KROTZ (F.K.): Para responder a esta pergunta, e também como ponto de partida para minhas respostas a esta entrevista, devo primeiro formular três pressupostos que são fundamentais para minha compreensão da ciência da comunicação e também para meu trabalho sobre mediação (Krotz 2001; 2007; 2017a).

Em primeiro lugar, adoto uma abordagem teórico-prática: em suas ações e experiências, os seres humanos são seres naturais que também vivem em um mundo simbólico (Cassirer, 2007). Esse mundo simbólico é construído principalmente pela linguagem, mas também abrange imagens, sons, gestos e outras formas simbólicas de expressão. É a base da cultura e da sociedade, e



possibilita e abrange todas as ações e experiências humanas, especialmente a comunicação, o pensamento, a reflexão e a interpretação.

Em segundo lugar, isso também pressupõe que a comunicação humana (Krotz, 2008), juntamente com outras atividades e habilidades, é uma base indispensável para a humanidade; e, ao mesmo tempo, uma de suas características distintivas. Isso implica ainda que os meios de comunicação e seu desenvolvimento também são de importância essencial para a humanidade, pois possibilitam formas sempre novas de comunicação humana e, assim, também transformam a cultura e a sociedade.

O terceiro pressuposto tem a ver com a ciência. No meu trabalho como matemático e cientista social, aprendi que a matemática e a lógica formal podem ser úteis para pesquisar fatos de forma empírica e desenvolver ou melhorar teorias com base neles. Mas também aprendi que essas ciências formais não são suficientes para descrever e entender as ações humanas. Isso ocorre porque os mundos simbólicos em que as pessoas vivem e, portanto, onde também tem lugar suas atividades sociais e culturais, nas quais elas baseiam-se seu significado e importância, como já demonstraram Max Weber (1978), George Herbert Mead (1973) e Alfred Schütz (2004). A matemática e a estatística podem descrever comportamentos observáveis, mas não conseguem captar o significado subjetivo ou processos como o entendimento mútuo. Enquanto a lógica formal pode estruturar o pensamento e a ação, mas, finalmente, só consegue levar em conta relações causais ou dedutivas e estruturar teorias que não contribuem na compreensão do mundo social. Tudo isso exige criatividade humana, pesquisa qualitativa e a consideração da dialética e das relações recíprocas.

Em resumo, é preciso dizer que baseei meu trabalho em uma visão interdisciplinar da humanidade que moldou meu trabalho nas últimas décadas em termos de teoria, metodologia e conceitos científicos, e que também foi e continua sendo fundamental para minha compreensão da mediatização.

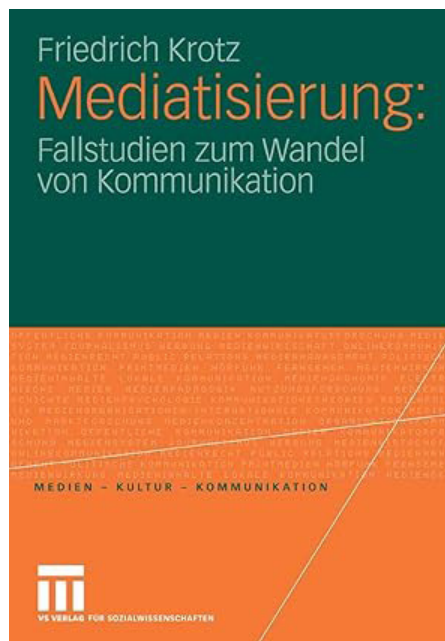
A fim de contextualizar o surgimento do meu trabalho sobre mídia e comunicação, na segunda metade do século XX, a ciência da comunicação preocupava-se principalmente com a chamada fórmula de Lasswell (1948), cuja ideia principal era: “¿Quem diz o quê, em que canal, para quem e com que efeito?”. A redução que esse conceito implica, tanto dos estudos abrangentes da comunicação e da visão associada da humanidade e da sociedade, deixa claro que essa, como em muitas ciências sociais e humanas, era a ideia assumida de comunicação humana, mas só era examinada com maior detalhe em casos especiais. Além disso, a sua importância para as formas de convivência humana era pouco reconhecida.

Eu comecei a estudar comunicação com quase 40 anos, com base no meu compromisso político pessoal e em minha carreira profissional como matemático e doutor em sociologia, tendo também pesquisado ciências políticas e dado aulas de ciência da computação. Então, juntamente com outros colegas,

contribuí para o estabelecimento dos Estudos Culturais na Alemanha e para o desenvolvimento de uma compreensão mais fundamental da comunicação, tanto em termos empíricos como teóricos. Para essa atividade o colega Martin-Barbero (1993) também contribuiu. Esse processo ocorreu no contexto do desenvolvimento acelerado das novas mídias e da digitalização, que mudaram as formas de convivência das pessoas. Assim, a mídia tornou-se importantíssima não só como recurso potencial na vida cotidiana das pessoas, mas também como influência crescente nas esferas sociais. Por exemplo, o futebol internacional tornou-se progressivamente mais dependente dos pagamentos dos meios de comunicação, a economia passou a controlar a Internet e as discussões políticas tornaram-se mais prevalentes nas redes digitais emergentes. Referi-me então a isso como *mediatização* (Krotz 1995) e advoguei por novas instituições sociais, como uma fundação de teste de meios de comunicação, para ajudar as pessoas a lidar com tudo isto (Krotz 2010). Isso é tudo o que tenho a dizer sobre o surgimento do conceito de *mediatização*. Depois de escrever muitos livros e artigos, em 2010 obtive financiamento da Fundação Alemã de Pesquisa DFG para organizar um programa prioritário com duração de seis anos, que incluiu 36 projetos de pesquisa de mais de uma dúzia de universidades alemãs.

M.C., J.F. & G.O.: Você sugeriu que a *mediatização* é um metaprocessos, e mais do que um processo, distanciando-se dos argumentos apresentados pelas teorias da inovação (difusionismo). Por que é tão importante construir uma “metateoria” e em que ela consistiria? Quais são as vantagens de conceber a mudança social e cultural a partir de uma “metateoria”? É possível identificar alguns processos específicos da *mediatização* contemporânea, além da pós-modernidade? Seria possível que você destaque alguns processos nos níveis micro, meso e macro e explique como esses três se articulam a partir de uma perspectiva “meta”? A perspectiva “meta” constitui um nível adicional de abstração em relação a esses três níveis mais concretos de análise (micro, meso e macro)?

F.K.: A *mediatização* é um conceito de processo. Descreve as relações entre dois desenvolvimentos inter-relacionados, isto é, a transformação dos meios de comunicação em conexão com a transformação da vida cotidiana, da cultura e da sociedade. Então, não pode ser apreendido pelo conceito de difusão de



JANEIRO • JUNHO 2026

IN MEDIACIONES

inovações, frequentemente utilizado na sociologia. Este conceito refere-se a uma inovação fixa, uma área fixa de investigação e algumas variáveis úteis que podem ser utilizadas para medir a difusão dessa inovação. Os desenvolvimentos complexos que se prolongam ao longo de muitos períodos de tempo em todo o mundo, afetando diferentes culturas de diferentes maneiras, e que não podem ser descritos como processos que possam ser “mais ou menos” confinados a uma região específica podem incluir subprocessos muito diferentes e não podem ser descritos empiricamente desta forma. Pelo contrário, trata-se de uma espécie de construção teórica que descreve desenvolvimentos complexos -por exemplo, a globalização, a individualização, a mediatização, mas também o Iluminismo europeu ou a alfabetização mundial, que vem ocorrendo há milênios. Para designar esse fenômeno, eu propus o termo “meta-processo” (Krotz 2003; 2011). Eles englobam muitos subprocessos que não acontecem de forma contínua ou simultânea, e que não podem ser descritos de forma linear e, muitas vezes, não podem ser apresentados sem contradições, pois consistem em movimentos e contra-movimentos. De qualquer forma, eles existem como um conceito útil e consistem em processos micro, meso e macro, como mostra a literatura científica. O surgimento da escrita e a digitalização atual também estão relacionados a isso. O mundo social e cultural não é estruturado de forma lógica e matemática, mas é desenvolvido pelas próprias pessoas de diversas maneiras. Mas é justamente nessa indeterminação que esses conceitos são úteis em várias disciplinas.

M.C., J.F. & G.O.: A mediatização tem sido descrita como um processo ambivalente e descontínuo, “não linear, por vezes caótico, com uma direção indeterminável” (Grenz & Pfadenhauer, 2016, p. 8), e tem havido até discussões, no contexto germanófono, centradas em momentos de De-mediate-sierung (“des-mediatização”) como processos inerentes aos meta-processos da mediatização: Você concorda com essa ideia? A des-mediatização é um processo inerente ou constitutivo da mediatização como um meta-processo? Você poderia identificar processos específicos de des-mediatização em nossa era contemporânea?

F.K.: Por causa da indeterminação acima mencionada da mediatização como um meta-processo, pode-se dizer que os processos de des-mediatização também fazem parte do meta-processo social geral, assim como as consequências e os efeitos de tal meta-processo. Por exemplo, cada vez menos pessoas leem jornais hoje em dia, mas não é possível determinar, neste momento, se isso leva realmente a uma des-mediatização da política ou a uma ação democrática por parte da sociedade civil. E mesmo que os sub-processos de mediatização sejam interrompidos e proibidos por motivos religiosos, por exemplo, a natureza do processo de mediatização em questão afeta as mudanças, mas não as acaba. Essa é a razão pela qual os meios de comunicação tradicionais não estão, de

nenhuma forma, desaparecendo -a televisão não tornou o rádio obsoleto- e, ainda hoje, as placas de pedra continuam sendo utilizadas quando se necessita de uma lápide ou monumento. A nível individual, institucional e social, podem ocorrer processos muito diferentes e até contraditórios, mas, no conjunto, eles constituem o impulso da mediação.

M.C., J.F. & G.O.: Quais são as ligações específicas entre a mediação e os outros três metaprocessos de transformação social que você considera centrais para a era contemporânea: globalização, individualização e comercialização (“Ökonomisierung”)? Como esses quatro metaprocessos interagem entre si atualmente? Em que sentido você argumenta que a comercialização é um metaprocessos que está “na base” de todos os outros metaprocessos? Será que isso significa que a comercialização funciona como uma condição ou fator determinante “em última instância”? A comodificação desempenha alguma função nesses processos? Seria possível que você desse alguns exemplos dessas interações entre metaprocessos no mundo contemporâneo?

F.K.: Além dos metaprocessos que mencionei, certamente existem outros tipos de processos, e provavelmente ainda mais, como a racionalização ou a cristianização. O conceito de “processo” ainda parece ser um conceito que não foi investigado mais a fundo e dividido em diferentes categorias. Pelo menos hoje, no entanto, deve-se presumir que muitas entidades nas ciências sociais são, na verdade, processos.

O fato de que a mediação contribui para a globalização e vice-versa tornou-se indiscutível, pelo menos com o avanço da digitalização, da mesma forma que o Estado chinês e as grandes empresas americanas determinam as formas essenciais de uso e desenvolvimento das ofertas, gerando assim novas formas internacionais de divisão do trabalho e exploração. Por sua vez, a globalização está impulsionando a disseminação mundial da mídia digital e, consequentemente, a mediação. Ao mesmo tempo, no entanto, esses metaprocessos também podem se prejudicar mutuamente. Uma das razões é que a globalização retira muito dinheiro dos países e quase não paga impostos, e as culturas do Sul global, que estão com frequência “inundadas” por ofertas culturais dos Estados Unidos, acabam só conseguindo se defender quando se distanciam delas e cuidam das suas próprias formas culturais.



JANEIRO • JUNHO 2026

MEDIACIONES

Por conseguinte, podem ser encontradas diferentes conexões entre cada um desses dois metaprocessos. Se a individualização no sentido de Ulrich Beck (1986) é entendida como isolamento, mas também como uma perda de laços coletivos e costumes e mitos tradicionais, por exemplo, por meio da mobilização, e se temos em conta que novas dependências institucionais surgem no âmbito do capitalismo e das instituições estatais, como estruturas educacionais e pensões, então muitas relações entre esses metaprocessos podem ser assumidas e derivadas empiricamente.

No entanto, no que diz respeito ao significado do metaprocessos de “comercialização” (“Ökonomisation”), deve-se presumir que os países do mundo estão organizados principalmente de acordo com os princípios do capitalismo privado ou do capitalismo de Estado. Essa situação raramente resulta em condições sociais justas; em vez disso, atualmente existem alguns super-ricos e um número crescente de pessoas pobres, bem como centenas de milhões que ainda sofrem de fome ou não têm acesso a água potável. Isso implica diretamente que o poder social, mesmo nas democracias, está nas mãos dos privilegiados, enquanto os outros devem se adaptar cada vez mais. Dessa forma, a economia determina o que acontece em última instância em todo o mundo, e os outros metaprocessos devem se adaptar continuamente a isso.

M.C., J.F. & G.O.: Ao mesmo tempo, você definiu os próprios meios de comunicação como “processos” (em vez de “realidades fixas, dadas e estáveis” ou objetos de estudo estáticos), argumentando também que a abordagem da mediatização deve ser construída, “conceitualmente, a partir de uma perspectiva de processo” (Krotz, 2017b). Em que sentido você entende que cada meio de comunicação (ou cada mídia) é, em si mesmo, um processo?

F.K.: A transformação dos meios de comunicação e, conforme isso, a mediatização ocorre de formas muito diferentes - por meio de invenções técnicas ou outras que podem ser usadas para a comunicação, por meio de transformações sociais, como novas necessidades humanas ou mudanças nas condições sociais, incluindo mudanças econômicas ou censura-.

Porém, os próprios meios de comunicação também se transformam ao longo do tempo, como demonstra a história de cada um deles. Como oferta, eles precisam se adaptar aos seus usuários; precisam, sobretudo no capitalismo, atrair seus usuários e encaminhá-los à publicidade. Um bom exemplo disso é a história do rádio, que sempre desenvolveu novos formatos de programação, incluindo as famosas novelas. E quando a televisão assumiu muitas das funções do rádio, ele se restabeleceu como um meio para música e acompanhamento na vida cotidiana.

A causa mais profunda da natureza processual da mídia é a necessidade das pessoas que não querem sempre desfrutar do mesmo conteúdo e das mesmas formas de mídia. Mas também elas esperam sempre algo novo do processo de

comunicação com a mídia ou através da mídia, o que, no entanto, não deixa de lado o fato de que textos como a Bíblia ou o Corão sejam lidos repetidamente.

M.C., J.F. & G.O.: Você argumentou que, necessária e intrinsecamente, “a teoria da midiatização contém uma perspectiva histórica: ela se interessa pelas modificações nos meios de comunicação das épocas anteriores e pelas transformações correspondentes que também ocorreram na vida cotidiana, na cultura e na sociedade. Ela também tenta compreender a mudança que estamos a testemunhar hoje no contexto da evolução histórica” (Krotz, 2017b, p. 15). Como é que esta perspectiva histórico-processual se reflete na sua própria investigação empírica sobre os fenômenos atuais de midiatização? Por sua vez, esta perspectiva histórica sobre a midiatização é, como você argumentou, o que “nos permite observar uma crescente diferenciação (Ausdifferenzierung) dos meios de comunicação e da comunicação”. Portanto, como aborda esses processos de “diferenciação a longo prazo” na sua pesquisa empírica? E como você operacionaliza (necessariamente) na metodologia essa perspectiva histórica na sua pesquisa? Como essas diferenciações crescentes entre mídia e comunicação são identificadas empiricamente?

F.K.: Na minha investigação centrada na midiatização, sempre que me foi possível, não só examinei a questão de investigação previamente selecionada, mas também reconstruí sempre o respetivo impulso de midiatização, no qual a questão de investigação se centrava na sua especificidade. Por exemplo, um projeto colaborativo com colegas japoneses focou-se na questão de como os computadores eram usados nas escolas primárias lá e na Alemanha. Para alcançar esse objetivo, também foi necessário ter em consideração que as crianças alemãs aprenderam o alfabeto e, portanto, estão familiarizadas com o teclado, enquanto no Japão existem três tipos diferentes de escrita para diferentes tipos de conteúdo, dois dos quais não têm letras, mas apenas caracteres para sílabas ou palavras inteiras. É importante destacar então que essas considerações deram origem a uma série de outros problemas. Por exemplo, para estudos sobre como as imagens são tratadas nas condições da transformação digital, também foi útil saber que a visão humana tem uma história cultural, na medida em que a “visão renascentista da perspectiva” teve de ser desenvolvida primeiro para



depois se tornar evidente. A prática da leitura também possui uma história (Illich, 2010): de acordo com isso, na transição do primeiro milênio na Europa, os monges cristãos sempre faziam a leitura em voz alta e com todo o corpo, o que também se devia à cultura do livro da época. Naquela época, eles também se esforçavam para memorizar o conteúdo que leram e acreditar no que era dito. Foi somente nos séculos posteriores que os europeus aprenderam a questionar o que eles liam, o que é fundamental para nós, cientistas, hoje em dia. Essa variabilidade nas atitudes culturais em relação ao ato de ler é importante quando se considera a questão de que direção a prática da leitura vai tomar na era dos resumos feitos com Inteligência Artificial (IA). Temos que lembrar que nada do que os humanos fazem com a mídia é natural ou dado por Deus, tudo tem uma história cultural.

A perspectiva histórica tem três funções. Em primeiro lugar, questiona (1) como os desenvolvimentos relevantes surgiram e como são até hoje e em que contextos devem ser considerados; por exemplo, na Idade Média europeia, a religião devia sempre ser tida em conta como uma ideologia poderosa. Portanto, pode-se dizer que contextos ideológicos semelhantes também podem ser relevantes para os desenvolvimentos atuais. Em segundo lugar, é, portanto, também necessário que os estudos atuais determinem (2) como essas condições anteriores ainda têm impacto. Por exemplo, os padrões dos EUA sobre quais imagens podem ser exibidas no Instagram e outras redes sociais atuais ainda se baseiam fortemente nos valores cristãos. Em terceiro lugar, (3) trata-se sempre de uma pergunta sobre o que podemos aprender hoje dos estudos anteriores sobre os processos de mediação. A Wikipedia, como enciclopédia para todos, pretende construir hoje, no contexto da digitalização, algo que também foi desenvolvido há trezentos anos para a impressão de livros, como é bem sabido.

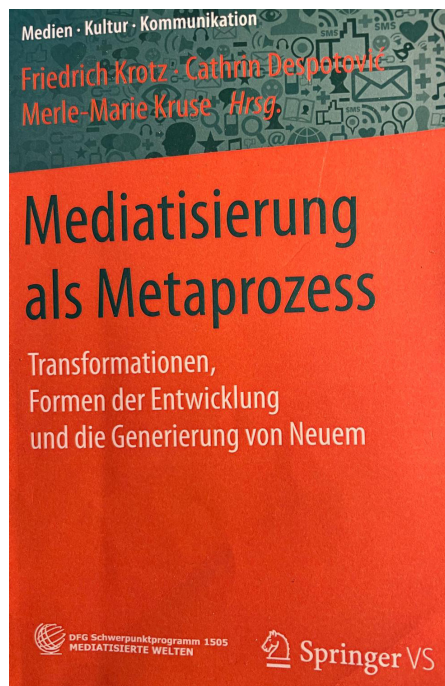
Outro exemplo vem da literatura sobre alfabetização (Stein, 2010). A educação escolar para todos nos países europeus é considerada um avanço democrático que tinha como objetivo proporcionar às pessoas o acesso à leitura. Porém, estudos históricos mostram que a educação obrigatória foi introduzida porque a indústria e as forças armadas precisavam de uma força de trabalho mais qualificada. Além disso, as crianças aprenderam e continuam aprendendo a ler e escrever, mas não a participar da democracia como acontecia nesse nível no passado. Na atualidade, seria necessário examinar mais de perto se a transformação digital tem realmente como objetivo melhorar a vida dos usuários que tem pouca formação em TI ou; se toda tecnologia está focada em garantir que unicamente alguns especialistas compreendam o contexto e que uma grande maioria de usuários faça, simplesmente, o que a IA, e similares tecnologias, ditam.

M.C., J.F. & G.O.: Quais são as vantagens da abordagem do metaprocessamento em relação a outras abordagens que estudam a transformação dos meios

de comunicação em relação a modificações socioculturais (por exemplo, lógica dos meios de comunicação, outras abordagens socioconstrutivistas, etc.)? Por que razões esse nível de abstração – que se denota no uso do prefixo “meta” – é necessário para compreender verdadeiramente as mudanças sociais (em relação às transformações dos meios de comunicação) a partir de uma perspectiva histórica?

F.K.: É evidente que é possível abordar os estudos de mídia e comunicação a partir de outras perspectivas além da abordagem da mediação, como a economia política, a psicologia ou a linguística. Nenhuma perspectiva teórica isolada pode abranger todo o desenvolvimento de um metaprocessos, nem mesmo a pesquisa sobre mediação. No entanto, todas as perspectivas de investigação deste tipo devem sempre ter em conta a abordagem da ciência da comunicação, à mediação e à economia política da digitalização. A razão disso é que a abordagem da ciência da comunicação se centra na transformação da comunicação humana, que é fundamental para as condições de vida humanas, enquanto a perspectiva político-econômica se centra no verdadeiro motor de todo este desenvolvimento, ou seja, hoje o capitalismo. Por conseguinte, os resultados específicos destas duas abordagens de investigação são relevantes para todas as outras perspectivas. A primeira, porque só se ocupa do núcleo da questão, a transformação da comunicação humana como base da cultura e da sociedade. E a segunda porque apresenta a questão do poder e dos seus efeitos. Todas as outras disciplinas dependem fundamentalmente de resultados deste tipo.

Existem pelo menos três razões para essa afirmação. Primeiro, obviamente (1) faz sentido entender a digitalização atual como mediação. O termo “digitalização” enfatiza a mudança técnica, ou seja, a existência de dispositivos digitais programáveis e conectados em rede. Como a IA e os grandes modelos de linguagem (LLMs), esses dispositivos têm um impacto massivo nos mundos simbólicos das pessoas e em sua comunicação. Ao contrário dos seres humanos, os computadores são máquinas mecânicas que, de acordo com Turing (2002), podem simular dispositivos mecânicos. Os seres humanos não podem ser simulados dessa forma porque os computadores não compreenderiam o significado ou a importância, nem tampouco entenderiam as sequências de letras que eles próprios produzem. Isso ocorre porque todos os dados que eles



JANEIRO · JUNHO 2026

IN MEDIACIONES

utilizam são dados observacionais que nada dizem sobre seu significado ou importância. E o chamado processo de aprendizagem da IA é um processo de aprendizagem do comportamento que está focalizado simplesmente na otimização estatística; os computadores são, portanto, dispositivos comportamentais que diferem fundamentalmente em suas operações daquelas que fazem os seres humanos. As diferenças relevantes podem ser identificadas principalmente em uma ciência da comunicação baseada na tecnologia da informação (Krotz 2022; 2024). A abordagem da mediação está também orientada para ver o potencial da tecnologia, mas um meio não é apenas qualquer tecnologia, é uma tecnologia que opera com sequências de caracteres, por exemplo, como textos, imagens ou sons, para os seres humanos, que são produzidos no nível do significado e da importância. Os computadores não podem fazer mais do que produzir caracteres, mesmo que isso possa resultar em frases completas e gramaticalmente corretas. Não obstante, o seu significado simbólico e, portanto, o seu sentido e veracidade -ou falsidade- devem ser acrescentados pelas pessoas que os recebem. Por conseguinte, antropomorfizar a máquina não funciona ou é enganador. Este aspecto é importante para todas as outras disciplinas.

A segunda razão é que (2) abordagens como a lógica da mídia muitas vezes não são orientadas ao processo e capturam apenas certos aspectos da transformação da mídia. Essas abordagens definem algo como essencial, mas esse algo muda ao longo do processo de transformação. Por exemplo, a lógica da mídia do TikTok ou do Facebook está em constante modificação, mas o conceito é limitado porque pressupõe um panorama midiático estável, mas faz a construção de um conceito estável.

Em terceiro lugar, (3) a abordagem da mediação entende os seres humanos como seres relacionados com os meios de comunicação, cujas ações comunicativas são alteradas pela transformação deles. Ainda como a comunicação é, na sua essência, uma base indispensável para a cultura e a sociedade, que nós, seres humanos, devemos valorizar e não devemos -ou não podemos- delegar nas máquinas mecânicas, a transformação da comunicação humana deve ser levada em conta de forma central. É precisamente isso que a abordagem da mediação faz. Por todas essas razões, a mediação deve ser entendida como um metaprocessamento que, em seu paralelismo, considera tanto as modificações da mídia quanto as transformações culturais e sociais em seus contextos; e o faz em relação às diferentes culturas e sociedades e suas condições comunicativas. Esse conceito abrangente também deve ser visto em relação à sua importância para disciplinas afins.

M.C., J.F. & G.O.: Que contribuições você acha que foram feitas (ou deveriam ser feitas) da perspectiva da mediação para a compreensão de nossa era contemporânea? Essas contribuições, poderiam ser consideradas proveitosas também por outras abordagens? Como a perspectiva da

mediatização poderia beneficiar uma compreensão mais ampla, colaborativa e interdisciplinar do nosso presente?

F.K.: Historicamente, a comunicação humana sempre foi dada como certa por todas as disciplinas científicas. A relevância dessa capacidade para todas as formas de coexistência humana, para todo o conhecimento, para todas as práticas humanas, para todas as instituições e para todas as estruturas históricas criadas pelo homem é um processo a longo prazo que só foi reconhecido tardiamente pelas ciências e, até agora, apenas parcialmente. Somente agora está ficando claro que essa comunicação humana, como uma prática fundamental para os mundos simbólicos individuais e coletivos dos seres humanos, é mutável e está mudando. Presumivelmente, o pensamento humano também surgiu apenas por meio da comunicação.

O conceito de ciência tal como o conhecemos só pode surgir quando as pessoas são capazes de ler e pensar criticamente. E toda ideia que é pensada pela primeira vez só se torna uma ideia porque pode ser enraizada no mundo simbólico das pessoas com base na sua prática comunicativa. Essa dependência comunicativa aplica-se tanto ao “Penso, logo existo” de Descartes quanto à teoria da relatividade. (Veja também minhas respostas às suas perguntas sobre minha perspectiva histórica e a história da mediatização/s acima). Atualmente, também está ficando claro o quanto esse mundo simbólico da comunicação humana é sensível, quanto potencial para manipulação existe aqui e que a tecnologia pode contribuir para reduzir os seres humanos ao nível de máquinas mecânicas em sua comunicação, se forem tratados dessa forma por tempo suficiente. A abordagem da mediatização pode ajudar a contrariar isso, pois entende os seres humanos como seres comunicativos. Esse conceito também é útil para outras disciplinas científicas. Eu recebo frequentemente perguntas relacionadas a isso na Alemanha e, nesse sentido, o conceito de mediatização também é utilizado em ciências da educação, serviço social, religião, política, sociologia, etc.

M.C., J.F. & G.O.: Seu último livro, *Die Teilung geistiger Arbeit per Computer. Eine Kritik der digitalen Transformation* (Krotz, 2022) destaca o surgimento de uma nova fase ou “forma de capitalismo” derivada de uma nova “divisão do trabalho intelectual entre humanos e computadores”, que se tornou possível devido a duas condições emergentes na sociedade contemporânea: a) uma infraestrutura computadorizada que, pela primeira vez, funciona como base para todas as operações simbólicas em uma sociedade; b) interconexão em rede (Vernetzung, networking) como forma organizacional generalizada. Em que consiste essa nova divisão do trabalho intelectual? Que consequências está trazendo essa nova “economia digital” para o nosso presente e, potencialmente, para o futuro, tanto para as formas atuais de trabalho e produção (capitalismo) quanto para as formas como

nos relacionamos uns com os outros em nossas vidas sociais (sociabilidade, individualismo, ideologias, etc.)? Se, tal como você sugeriu num trabalho anterior, a digitalização já é “notícia de ontem”, então: como é que todas estas novas transformações digitais contemporâneas se relacionam com o (meta) processo de mediação?

F.K.: Cada vez mais áreas sociais e pessoais da vida humana, do trabalho, da cultura e da sociedade estão mudando atualmente devido ao rápido desenvolvimento da digitalização. Este processo é, sem dúvida, de grande importância para a vida e o desenvolvimento humanos. No entanto, a digitalização tem sido controlada há muitos anos pela economia digital, representada pelas maiores empresas da história da humanidade, como Amazon, Microsoft, Meta, Alphabet e outras. Estas empresas dominam o hardware, o software, os dados, as redes e a sua utilização pelas pessoas, especialmente software complexo, como IA e LLM. Elas nos prometem a melhor vida de todas as épocas num futuro próximo (por exemplo, Tegmark 2019). Mas se olharmos para a investigação empírica, estas empresas estão principalmente interessadas apenas nos seus modelos de negócio (Krotz, 2022).

A IA, por exemplo, é controlada pelas empresas digitais americanas ou pelo Estado chinês. No entanto, isso não pode ser permitido: a direção em que são desenvolvidas as formas de coexistência humana – e que são, evidentemente, afetadas principalmente pela IA – não podem ser determinadas no âmbito da economia ou pelo Estado. Pelo contrário, é um direito e um dever das instituições democráticas e, em particular, da sociedade civil, ou seja, um direito e um dever de todos nós. Devemos fazer valer isso com a ajuda de um Estado democraticamente controlado e das suas instituições.

Desde uma perspectiva da ciência da comunicação, deve-se admitir que a digitalização pode automatizar e controlar a tecnologia, como Turing (2002) apontou. Este princípio aplica-se, por exemplo, aos automóveis, à medicina e à produção em linha de montagem. A IA pode, desse modo, melhorar a industrialização que começou no século XVIII, automatizando muitos processos. É essa a razão pela qual as políticas socialmente justas devem garantir que os empregos não sejam destruídos constantemente ou que novos empregos de baixa qualidade sejam criados. Essas políticas também devem garantir que os lucros da produção automatizada sejam tributados adequadamente e que o desenvolvimento sirva, assim, à sociedade. Lamentavelmente, esse não é o caso atualmente.

Não obstante, esse controlo digital e a automatização de máquinas mecânicas não são o tema central da ciência da comunicação. Esta não se ocupa da comunicação entre máquinas, mas sim da comunicação entre humanos e máquinas. E deve abordar o fato de que cada vez mais a comunicação entre seres humanos ocorre em condições digitais, por exemplo, em redes e plataformas. Nesses casos, computadores programáveis interferem nos mundos simbólicos

dos seres humanos e, assim, tornam-se relevantes para o conhecimento, o pensamento, a informação, os sentimentos e outras práticas humanas. É óbvio que todo o processo de digitalização pode ser entendido como o atual impulso da midiaticização. Em geral, esse processo começou na década de 1940, com os primeiros grandes computadores. A ideia da IA originou-se também na década de 1950. Nos anos 70, foram desenvolvidos pequenos computadores, utilizados principalmente em escritórios e residências, nos quais foram criadas as primeiras grandes coleções de dados informáticos. Numa fase posterior, os computadores foram ligados em rede e utilizados principalmente para a comunicação; seguiu-se uma fase de economização das redes, depois a fase da dataficação e, finalmente, a fase atual que conduziu à programação do ChatGPT, LLM e IA.

No entanto, esse desenvolvimento tem uma pré-história importante que esclarece uma influência essencial. Não foram Zuse, IBM e Aiken os primeiros a inventar um computador; eles apenas construíram os primeiros computadores. Na verdade, foi o economista e matemático Charles Babbage quem desenvolveu o primeiro conceito abstrato de computador (Babbage, 1832). Ele também fez uma tentativa de construir o seu próprio computador. Ele teria conseguido esse objetivo se houvesse conseguido o financiamento suficiente porque, no final do século XX, os engenheiros demonstraram isso mesmo implementando os projetos deles com os recursos disponíveis na época.

O que é particularmente significativo aqui é que Babbage baseou a construção da sua primeira máquina de calcular, que depois desenvolveu na ideia do computador programável, no trabalho do matemático francês Gaspard Riche de Prony. Como o próprio Babbage descreve, no início da década de 1790, durante a Revolução Francesa, de Prony foi contratado pelo governo para produzir volumes de tabelas, incluindo uma que continha os quadrados de todos os números entre 1 e 200.000. A intenção era que isso fosse um serviço para o desenvolvimento da economia, do transporte marítimo, da capacidade militar e também da arquitetura e da ciência, áreas que exigiam cada vez mais cálculos matemáticos. As tabelas deveriam ser úteis para esse fim, pois naquela época quase ninguém era proficiente em multiplicação ou divisão complexas. É preciso ter em conta que nessa época não havia ensino obrigatório.

Como matemático, de Prony sabia que os números quadrados podiam ser calculados não apenas multiplicando um número por si mesmo, mas também usando uma fórmula: se você conhece o quadrado de dois números consecutivos, como 5 e 6, pode usar a simples adição e subtração para determinar o quadrado do próximo número, neste caso, 7. No seu informe, Babbage também escreve que de Prony tinha lido recentemente um texto de Adam Smith que estabelecia e desenvolvia o conceito da divisão do trabalho mental e físico. Com esse conhecimento, de Prony contratou cerca de 30 funcionários que eram bons em adição e subtração. Eles foram então colocados em fila; o primeiro definia o próximo número que deveria ser calculado, anotava os quadrados

dos dois números anteriores e passava isso para o próximo, que então realizava exatamente mais uma etapa de cálculo de acordo com a fórmula, passava para o próximo somador e assim sucessivamente, até que toda a fórmula fosse calculada. O último da fila anotava o resultado. Em seguida, todo o processo voltava a começar com o número seguinte, 200.000 vezes.

É isso que o historiador de computadores Rojas (2016) chama “um computador humano”. Os computadores comuns de hoje têm cerca de duas dúzias de comandos básicos muito simples que são incorporados ao hardware, como adicionar 1 a um número. Os computadores precisam então de um sistema operacional para a organização, e então é possível inserir comandos em uma linguagem de programação para que eles possam operar com caracteres, como números ou letras. Estes programas ativam então longas sequências de comandos a partir destas duas dúzias de operações elementares, que produzem o resultado desejado. Pode-se ler sobre isso em qualquer introdução à ciência da computação.

A partir desse relato histórico do que aconteceu na época, podemos agora tirar as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, os computadores têm um design bastante simples; os programadores humanos são responsáveis pelos programas complexos. Em segundo lugar, os computadores servem para aliviar os seres humanos do trabalho mental. Todos nós delegamos o trabalho mental aos computadores, que então o assumem se têm programas e dados certos. (E os proprietários e programadores da tecnologia ajudam a determinar o resultado). Em terceiro lugar: os computadores são uma ferramenta para dividir o trabalho mental. Esse pensamento baseia-se nas ideias de Adam Smith, que Charles Babbage também propagou e disseminou em livros traduzidos para várias línguas. As ideias de Adam Smith centravam-se na divisão do trabalho físico, tema também abordado por Karl Marx. É assim que a industrialização se iniciou nos séculos XVIII e XIX: primeiro, foi inventada a máquina a vapor, que produzia energia. Então, essa energia foi usada para construir ferrovias, operar teares mecânicos e, mais tarde, para montar linhas de montagem onde as pessoas trabalhavam. Desde então, foram os empresários que usaram seu capital para construir fábricas, comprar máquinas, contratar trabalhadores e, então, colher os lucros: nasceu o capitalismo baseado na divisão do trabalho físico.

Na atualidade, uma economia baseada na divisão do trabalho intelectual ou mental está surgindo de maneira muito semelhante. Os computadores podem produzir sequências de caracteres destinadas a controlar dispositivos mecânicos ou direcionadas a seres humanos. Atualmente, os empreendedores organizam e controlam programas de computador e redes através dos quais as pessoas se comunicam, fazem compras, se divertem, jogam, escrevem, se informam e aprendem. Cada vez mais, confiamos nossas formas de trabalho intelectual às máquinas e, conseqüentemente, às empresas digitais, que controlam efetivamente toda a tecnologia e as desenvolvem para seus próprios fins. Estas

empresas também criam enormes coleções de dados, amplas e constantemente atualizadas, de todos os seus clientes e obtêm lucros com a venda desses dados para publicidade e outros fins. O motivo é que quase toda a economia agora está representada na internet e seus produtos são vendidos lá e as informações sobre os clientes potenciais e reais são capturadas em dados, e isto, se tornou a base decisiva para toda a economia. Assim, ela se transformou de uma economia de mercado em uma economia orientada pelos dados, e aqueles que não participarem vão desaparecer. Para as tarefas que os computadores não podem realizar, como treinar IA ou remover pornografia das redes sociais, existe agora um grande número de trabalhadores que assumem essas formas de trabalho intelectual por pouco dinheiro.

Outros trabalhos intelectuais necessários estão, por conseguinte, sendo cada vez mais terceirizados e cada vez menos remunerados. Assim termina a análise histórica do surgimento da digitalização, conforme proporcionada por uma abordagem de mediação. Portanto, devemos temer que estejamos entrando em uma nova era de um capitalismo ainda mais poderoso, comercializando e explorando o que nos faz humanos: a linguagem, o pensamento, todas as formas de atividade intelectual. Infelizmente, não está claro hoje quanto tempo levará para a humanidade domar esse capitalismo (Krotz 2022; 2024). As regras da democracia ditam que a sociedade civil não deve agir de maneira antropocêntrica, mas deve aderir aos seus valores amplamente aceitos — a sociedade civil não quer e não deve desconsiderar outros seres vivos ou arruinar a Terra em que todos vivemos. Para esse propósito, a humanidade está equipada com uma consciência crítica que pode ser usada para observar e avaliar suas próprias ações (Krotz, 2021). Os computadores, por outro lado, não possuem consciência.

M.C., J.F. & G.O.: Uma crítica a uma certa ideologia (cada vez mais dominante na sociedade), que equipara as capacidades das máquinas inteligentes às potencialidades humanas, tem sido uma questão recorrente em todo o seu trabalho. Essa ideologia tende a basear-se em algumas faculdades semióticas (simbolização e formalização) compartilhadas por agentes humanos e mecânicos. Como você posiciona sua crítica da antropomorfização dos computadores e do mundo digital como uma “ideologia” do capitalismo contemporâneo, em relação às atuais perspectivas anti-anthropocêntricas nas ciências sociais? A atual “nova divisão do trabalho intelectual”, pode ser interpretada como mais uma manifestação da “profunda mediação” ou tem relação com outros processos, mais dependentes das condições político-econômicas da nossa época?

F.K.: É importante fazer uma observação sobre a ideologia com que a digitalização está sendo promovida atualmente. Como já foi observado, os promotores e controladores desse desenvolvimento prometem-nos uma vida

paradisiaca, se apenas os deixarmos fazer o que querem. Adicionalmente, afirma-se repetidamente que, num futuro previsível, surgirá uma IA dotada de um nível de desempenho que ultrapassará o dos seres humanos em praticamente todos os campos, e que os seres humanos poderão então desaparecer do desenvolvimento futuro com dignidade, independentemente da origem dessa dignidade. De qualquer forma, o que tem sido prometido há quase um século e afirmado como algo que certamente acontecerá em breve é extremamente duvidoso do ponto de vista científico. Ainda que fosse verdade que um dia haveria uma IA que não só funcionasse mais rapidamente, mas também fosse intelectualmente superior a todos os seres humanos, e que pudesse administrar o mundo em vez de todas as democracias, como Tegmark (2019) descreve para o próximo milhão de anos, poderíamos ter a certeza de que a economia rapidamente eliminaria um sistema tão versátil. Afinal, isso acabaria com os seus negócios.

Na ciência da comunicação, as ideias ideológicas são frequentemente baseadas em suposições antropomórficas. Por exemplo, fala-se muito sobre os computadores que se comunicam entre si, mas o que os seres humanos fazem quando se comunicam entre si é algo totalmente diferente do que as máquinas fazem quando dizemos que elas se comunicam. Os seres humanos se preocupam em compreender; eles se comunicam com base em significados subjetivos e podem dizer algo sobre o significado e a veracidade de suas afirmações. Os computadores simplesmente transferem arquivos como forma de comunicação. E quando um computador comunica algo aos seres humanos, trata-se exclusivamente de uma sequência de caracteres ou uma sequência de imagens ou sons que não têm significado para o computador. Muitas vezes, os seres humanos consideram esses resultados significativos e adequados, mas esse julgamento é baseado em suas próprias interpretações — eles atribuem significado e importância a essas sequências de caracteres. Assim, uma mensagem de computador baseada em caracteres é transformada em uma oração que só parece ter sentido, porque os humanos estão, na realidade, apenas se comunicando consigo mesmos. Os computadores podem contribuir com alguns caracteres e, talvez, palavras para isso, influenciando os humanos até certo ponto, mas tudo isso são interpretações humanas, possivelmente influenciadas pela máquina em uma determinada direção de pensamento. Isso ocorre porque a interação humana sempre tem uma dimensão simbólica que pode ser influenciada. Nesse aspecto, precisamos realmente de uma nova maneira de expressar o que exatamente as máquinas produtoras de símbolos produzem como “símbolos”, bem como a maneira exata como o fazem, para que não se crie sempre a falsa impressão de que as máquinas se comportam como seres humanos. Essa confusão também existe com outras palavras que antes eram usadas apenas para ações humanas. Em conclusão, pode-se afirmar que a compreensão da digitalização como mediação também deve abordar o desenvolvimento da economia

política. Um termo bastante vago como “mídia-tização profunda” não é muito útil neste contexto, além do fato de que a profundidade de um meta-processo pode significar algo completamente diferente em momentos distintos. Nesta ocasião, a sociedade civil, e mais do que a economia, deve ter o controle sobre tais desenvolvimentos. Uma crítica mais exaustiva da tecnologia também poderia ser útil aqui. Por exemplo, as reflexões de Ivan Illich (1980) e seu conceito de *conviviality* e seu apelo para que a humanidade não permita tecnologias que não compreende, parece ser na atualidade uma exigência apropriada para pensar aos programas de IA complexos e opacos de hoje em dia. As deficiências do LLM também podem ser esclarecidas hoje, o ChatGPT e as outras máquinas de fala estão baseadas na avaliação estatística e na otimização das declarações humanas. Como já foi explicado várias vezes, isso não tem nada a ver com significado e compreensão, com importância e a verdade.

A propósito, a insignificância dessas máquinas de fala já foi descrita em um conto que o autor argentino José Luis Borges publicou em uma analogia em 1941 (Borges, 1974) sobre uma construção matemática do conhecimento. Fica claro que, hoje em dia, qualquer computador pode, em teoria, imprimir todos os conhecimentos da humanidade em formato de texto, mesmo que isso leve um tempo considerável. Isto porque todo o conhecimento pode ser expresso em porções de texto de, digamos, 20.000 caracteres, usando apenas 25 letras do alfabeto, a barra de espaço, pontos e vírgulas. Em termos matemáticos, cada texto desse tipo é, portanto, uma combinação com repetições desses 28 caracteres (incluindo o “caractere espaço” como um caractere criado pela barra de espaço do teclado). No entanto, o computador pode imprimi-los todos. Primeiro, ele pode imprimir um texto composto por 20.000 letras A, depois um composto por 19.999 letras A e uma letra B, e ainda variar a posição da letra B. Logo, pode adicionar uma C e assim por diante, continuando dessa forma até produzir todos os textos possíveis com esse comprimento a partir dessas letras. Mas, como resultado, não sabemos nada. Porque cada frase, se é que tem algum significado, também aparece nesses textos de forma negativa. Com base na sua otimização, as máquinas de fala atuais continuam a ser igualmente sem sentido.

Para a ciência da comunicação, bem como para a pesquisa sobre mídia-tização, teria sentido não só examinar sempre como as pessoas utilizam os meios digitais e os integram nas suas vidas. Em lugar disso, seria útil uma maior cooperação com a ciência da computação progressista, como, por exemplo, a colaboração com pessoas e instituições que trabalham a favor do software livre e temas semelhantes. Então, haveria mais conhecimento sobre o que acontece nos bastidores do uso simples e superficial dos computadores, bem como da delegação muitas vezes esperançosa do trabalho intelectual a esses dispositivos, e onde residem os problemas essenciais. Isso também seria um grande avanço para a pesquisa sobre mídia-tização.

REFERÊNCIAS

- Babbage, C. (1832). *On the Economy of Machinery and Manufactures*. Charles Knight.
- Beck, U. (1986). *Risikogesellschaft*. Suhrkamp.
- Borges, J. L. (1974). Die Bibliothek von Babel. In *Die Bibliothek von Babel* (pp. 53-63). Reclam.
- Cassirer, E. (2007). *Versuch über den Menschen*. Felix Meiner.
- Grenz, T. & Pfadenhauer, M. (2016). Einleitung: De-Mediatisierung: Diskontinuitäten, Non-Linearitäten und Ambivalenzen im Mediatisierungsprozess. In Grenz, T. & Pfadenhauer, M. (Hrsg.), *De-Mediatisierung: Diskontinuitäten, Non-Linearitäten und Ambivalenzen im Mediatisierungsprozess* (pp. 3-23). Springer VS.
- Illich, I. (1980). *Selbstbegrenzung. "Tools for Conviviality"*. Rowohlt.
- Illich, I. (2010). *Im Weinberg des Textes*. Beck.
- Krotz, F. (1995). Elektronisch mediatisierte Kommunikation. *Rundfunk und Fernsehen*, 43, 445-462.
- Krotz, F. (2001). *Die Mediatisierung kommunikativen Handelns*. Westdeutscher Verlag.
- Krotz, F. (2003). Metaprozesse sozialen und kulturellen Wandels und die Medien. *Medien Journal*, 27, 7-19.
- Krotz, F. (2007). *Mediatisierung. Fallstudien zum Wandel von Kommunikation*. VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Krotz, F. (2008). Handlungstheorien und Symbolischer Interaktionismus als Basis kommunikationswissenschaftlicher Forschung. In Winter, C., Hepp, A. & Krotz, F. (Hrsg.), *Theorien der Kommunikations- und Medienwissenschaft* (pp. 29-47). VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Krotz, F. (2010): Zivilgesellschaft und Stiftung Medientest. In Schicha, C. & Brodsda, C. (Hrsg.), *Handbuch Medienethik* (pp. 244-254). VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Krotz, F. (2011). Mediatisierung als Metaprozess. In Hagenah, J. & Meulemann, H. (Hrsg.), *Mediatisierung der Gesellschaft?* (pp. 19-41). Lit Verlag.
- Krotz, F. (2017a). Explaining the mediatisation approach. *Javnost - The Public*, 24(2), 103-118.
- Krotz, F. (2017b). Mediatisierung: Ein Forschungskonzept. In Krotz, F., Despotovic, C. & Kruse, M.-M. (Hrsg.), *Mediatisierung als Metaprozess. Transformationen, Formen der Entwicklung und die Generierung von Neuem* (pp.13-32). Springer VS.
- Krotz, F. (2021). Das Mögliche als Kritik des Existierenden. *Studies in Communication and Media*, 10(2), 222-245.

- Krotz, F. (2022). *Die Teilung geistiger Arbeit per Computer: eine Kritik der digitalen Transformation*. Beltz/Juventa.
- Krotz, F. (2024). Digitalisation Today as the Capitalist Appropriation of People's Mental Labour. *Triple-C*, 22(1). <https://doi.org/10.31269/triple.v22i1.1477>.
- Lasswell, H. D. (1948). The Structure and Function of Communication in Society. In Bryon, L. (Hrsg.), *The Communication of Ideas* (pp. 37-51). Harper.
- Martín-Barbero, J. (1993). *Communication, Culture and Hegemony. From the Media to Mediations*. Sage.
- Mead, G. H. (1973). *Geist, Identität und Gesellschaft*. Suhrkamp.
- Rojas, R. (2016). Der erste Programmierer der Welt. *Telepolis*, 31(1). <https://www.telepolis.de/article/Der-erste-Programmierer-der-Welt-3377889.html?seite=all>
- Schütz, A. (2004). *Der sinnhafte Aufbau der Sozialen Welt*. UVK
- Stein, P. (2010). *Schriftkultur. Eine Geschichte des Schreibens und Lesens*, 2. WBG.
- Tegmark M. (2019). *Leben 3.0. Mensch sein im Zeitalter künstlicher Intelligenz*. Ullstein.
- Turing, A. M. (2002). Kann eine Maschine denken? In Zimmerli, W. C. (Hrsg.), *Künstliche Intelligenz. Philosophische Probleme* (pp. 39-78). Reclam.
- Weber, M. (1978). *Soziologische Grundbegriffe*, 4. Mohr Siebeck.

* Nota: o Comitê Editorial da revista aprovou a publicação da entrevista.



Artigo publicado em acesso aberto sob a Licença Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Friedrich Krotz. Doutor em Sociologia pela Universität Hamburg (Alemanha). Licenciado em Matemática pelo Karlsruher Institut für Technologie (Alemanha). Professor Emérito de Comunicação e Meios de Comunicação na *Universität Bremen* (Alemanha), onde é fundador e membro atual do Centro de Investigação sobre Meios de Comunicação, Comunicação e Informação na *Universität Bremen*. Entre 1989 e 2001, foi membro científico do *Leibniz-Institut für Medienforschung, Hans-Bredow-Institut* (Instituto Leibniz de Investigação sobre Meios de Comunicação), em Hamburgo (Alemanha). Foi professor nas universidades de Münster, Erfurt e Bremen e participou em projetos de investigação em universidades de vários países europeus, Estados Unidos, México e Japão. Mais recentemente, coordenou o Programa de Investigação Prioritária da DFG *Mediatisierte Welten* (Mundos Mediatizados) (2010-2017), que consistiu em 35 projetos de investigação interligados, realizados ao longo de seis anos por investigadores de 18 universidades diferentes. Entre as suas numerosas publicações encontram-se artigos fundamentais em revistas académicas de todo o mundo, bem como livros importantes que são amplamente citados no campo dos estudos de mediatização, tanto no mundo germanófono como no anglófono. Entre estas publicações inovadoras encontram-se: *Mediatisierung. Fallstudien zum Wandel von Kommunikation* (2007, VS Verlag für Sozialwissenschaften), *Neue Theorien Entwickeln. Eine Einführung in die Grounded Theory, die Heuristische Sozialforschung und die Ethnographie anhand der Kommunikationswissenschaft* (2005, Herbert von Halem Verlag), e o artigo “Explaining the Mediatisation Approach” (2017, em *Javnost-The Public*). Dentro da sua produção académica, há também um número considerável de volumes coletivos em colaboração com outros membros das equipas de investigação que coordenou; para mencionar apenas alguns: *Responsibility and Resistance: Ethics in Mediatized Worlds* (2019, Springer), *Mediatisierung als Metaprozess: Transformationen, Formen der Entwicklung und die Generierung von Neuem* (2017, Springer), *Mediatisierung sozialer Welten. Synergien empirischer Forschung* (2014, Springer VS) e *Connectivity, Networks and Flows: Conceptualising Contemporary Communication* (2008, Hampton Press). Entre as suas publicações mais recentes encontram-se *Die Teilung geistiger Arbeit per Computer: eine Kritik der digitalen Transformation* (2022, Beltz/Juventa), e o artigo “Digitalisation Today as the Capitalist Appropriation of People’s Mental Labour” (2024, em *Triple-C*). A sua investigação atual centra-se nas seguintes áreas de estudo: Teorias dos meios de comunicação e estudos da comunicação; Sociologia da cultura e da comunicação; Estudos culturais; Mudança mediática e mediatização; Investigação sobre a receção e o uso; Meios de comunicação, política e sociedade; Métodos de investigação qualitativos e quantitativos e teoria científica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6244-7797>